

Hélio Oiticica em Brighton: um conto inédito

Annelise Estrella¹

Não é novidade a importância da produção textual de artistas visuais mundo afora. Especialmente a partir da década de 1950, diversos artistas de vanguarda, salvas suas particularidades geográficas, estéticas e conceituais, encontraram na atividade escrita um outro modo de se expor ao mundo e de expor o mundo. Segundo as pesquisadoras Glória Ferreira e Cecília Cotrim,

[...] um dos aspectos constitutivos da relevância do lugar de apresentação ou inscrição do trabalho [...], assim como da exposição no circuito da arte, é o fato de a materialização do trabalho ser indissociável da linguagem que o constitui, decorrente de tomadas de atitude a priori e de projetos².

É por meio da textualização que o artista marca sua presença nas escolhas de destino da arte e apresenta posicionamentos políticos, estéticos, culturais e pessoais. Geralmente, esses textos de artista, tais como manifestos, instruções, cartas, entrevistas, tanto integram à poética das obras quanto participam dos discursos da crítica e da história da arte e da literatura.

No Brasil da segunda metade do século XX, o artista Hélio Oiticica se destaca por manter intensamente a atividade escrita³. Seu legado textual, hoje disponível em acervo digital⁴, nos apresenta Parangolés e Bólides com inscrições, textos instrucionais, ensaios, longas cartas, um projeto de livro, além de diversos fac-símiles de poemas e contos manuscritos e datilografados. Oiticica usou a palavra para se expor no mundo e, mais do que isso, para provocá-lo e completar seu trabalho

Um dos fac-símiles literários disponíveis no acervo trata-se do conto inédito aqui publicado. Em novembro de 1969, depois de experiências em Londres, Nova York, Paris e Los Angeles, as quais reverberaram em Oiticica de modo a fazerem percebê-lo um mundo “pequeno e feio” onde “não tenho lugar”, como depõe no texto Londocumento⁵, o artista escreve, em terras inglesas, um texto de duas páginas em que narra a angústia da felicidade. A partir de seus aspectos peritextuais⁶, é sabido que se trata de um texto escrito durante a estadia do artista em Brighton, na Inglaterra, em novembro de 1969, onde estava por ocasião de uma residência artística na Universidade de Sussex.

¹ Doutoranda em Teoria e História Literária (Unicamp), mestre em Teoria e Crítica Literária (Uerj). Contato: anneliseestrella@yahoo.com

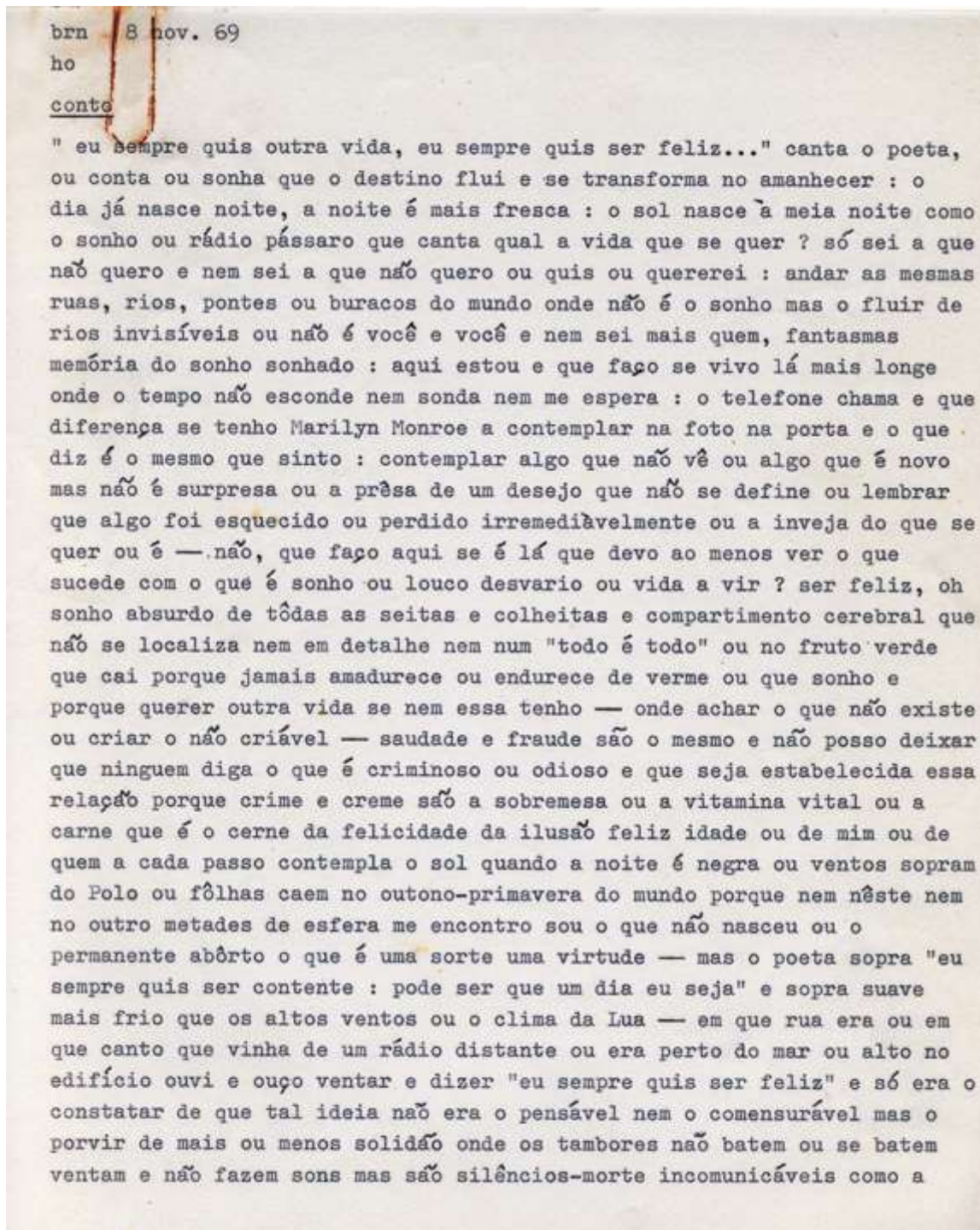
² FERREIRA, G.; COTRIM, C. *Escritos de artistas - anos 60/70*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 19.

³ COELHO, F. *Livro ou livro-me: os escritos babilônicos de Hélio Oiticica*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.

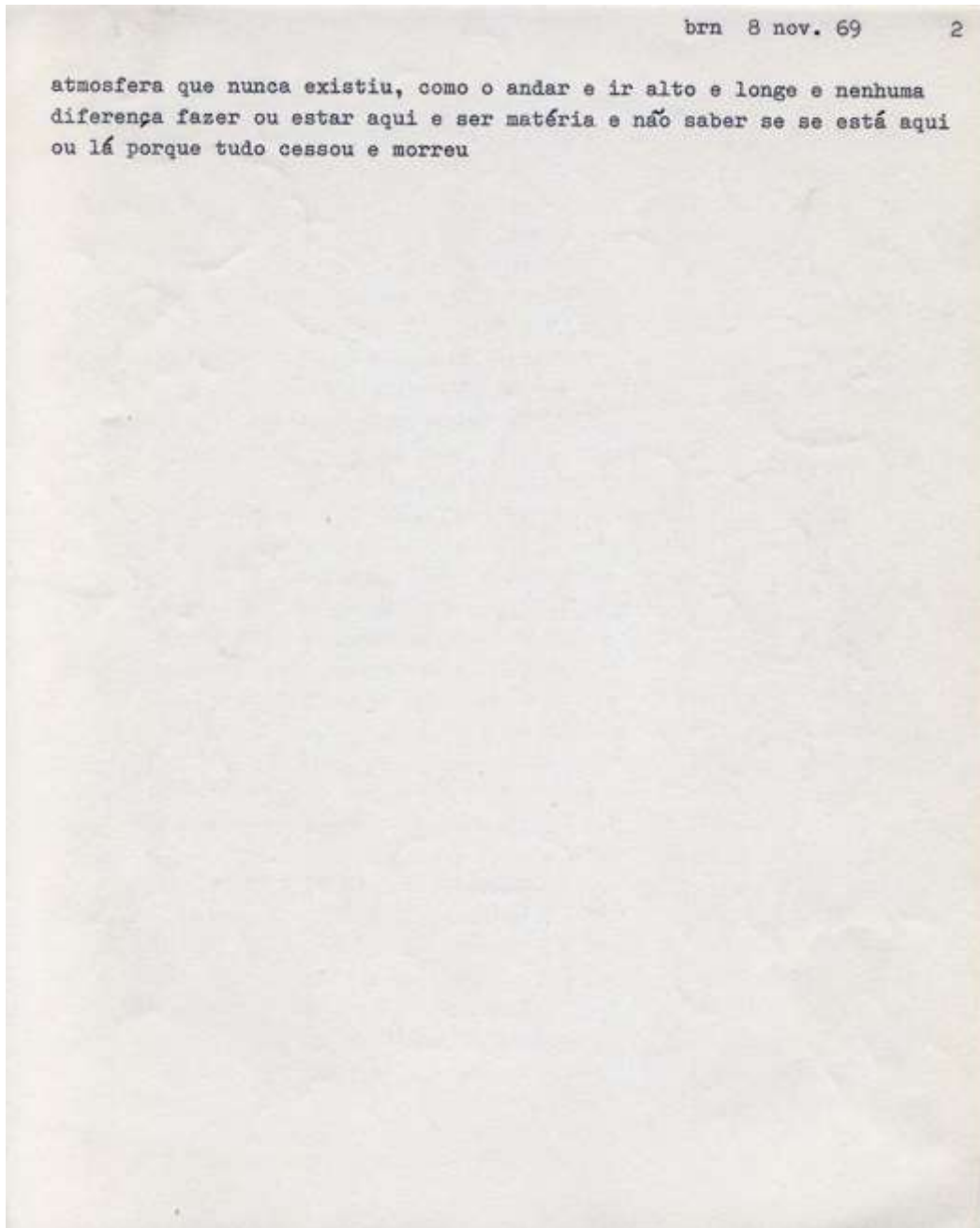
⁴ O acervo online encontra-se disponível no Programa Hélio Oiticica, mantido pelo Itaú Cultural. < <https://www.itaucultural.org.br/programaho/> >

⁵ Texto disponível no Programa HO. Número de Tombo: 0304/69

⁶ GENETTE, G. *Paratextos Editoriais*. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.



Figuras 1: Conto de Hélio Oiticica, 1969. Disponível no Programa HO.



Figuras 2: Conto de Hélio Oiticica, 1969. Disponível no Programa HO.

Ainda a partir dos aspectos peritextuais, a ausência de título, mas a presença da palavra “conto”, sublinhada na terceira linha do cabeçalho à direita, evidencia a classificação do texto e, conseqüentemente, dá a ver sua elaboração: trata-se de uma narrativa fictícia curta. A partir da perspectiva de Julio Cortázar, no ensaio “Alguns aspectos do conto”, nota-se desde logo também a existência de um “limite” na narrativa, próprio do gênero em questão: a história delinea apenas um fragmento da realidade, qual seja um pensamento do narrador-personagem. Na “forma” de leitura dessa história, emerge uma manipulação da linguagem. Para lê-la, é preciso estar atento, uma vez que o autor não faz uso da norma padrão para pontuar a narrativa, por exemplo.

A brincadeira com a linguagem não se restringe apenas à materialidade do texto. O conto, “tão esquivo nos seus múltiplos e antagônicos aspectos, e [...] tão secreto e voltado para si mesmo, caracol da linguagem, irmão misterioso da poesia em outra dimensão do tempo literário”⁷, é aqui lugar para a narrativa de um personagem poeta que quer ser feliz, e *sopra* esse desejo aos ventos. Como sopro, logo desfeito pelo próprio ar, a felicidade não é alcançada, e resta ao poeta personagem constatar coisas como “saudade e fraude são o mesmo”, “crime e creme são a sobremesa ou a vitamina vital”, termos cujas aproximações - que *a priori* não são feitas - demonstram pessimismo e solidão, confirmados no final da narrativa.

A descrição feita aqui brevemente sugere, evidentemente, pesquisas mais aprofundadas a fim de investigar o material literário exposto. Nos parece uma interessante hipótese de trabalho verificar a importância, para Oiticica, da forma literária a fim de se expor ao mundo, além de uma possível característica de autoficção na referida narrativa. É fundamental, portanto, aprofundar os estudos a fim de confirmar ou não esses pensamentos. Acessar e ler a literatura produzida por Hélio Oiticica é conhecer ainda mais sobre um artista fundamental da cena brasileira e fazê-lo participar do entorno da história literária brasileira.

Referências bibliográficas:

- COELHO, F. *Livro ou livro-me: os escritos babilônicos de Hélio Oiticica*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.
CORTÁZAR, J. *Valise de cronópio*. São Paulo: Perspectiva, 1993.
FERREIRA, G.; COTRIM, C. *Escritos de artistas - anos 60/70*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
GENETTE, G. *Paratextos Editoriais*. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

Recebido em: 16 de março de 2021

Aceito em: 14 de maio de 2021

⁷ CORTÁZAR, J. *Valise de cronópio*. São Paulo: Perspectiva, 1993, p. 149.